

GEOPOLÍTICA

Argentina e Venezuela dificultam integração

Incertezas ao norte e ao sul das fronteiras brasileiras ameaçam a cooperação e a diplomacia

» VANILSON OLIVEIRA

Com a crescente polarização política na América do Sul, o Brasil enfrenta um cenário geopolítico marcado por incertezas e desafios estratégicos. Governos com visões ideológicas opostas dificultam a harmonização de políticas no Mercosul, enfraquecendo o bloco como uma plataforma de integração econômica.

Ao sul, a Argentina passa por transformações significativas com a chegada ao poder de Javier Milei, defensor de um ultraliberalismo que questiona a tradição de cooperação regional. No norte, a Venezuela segue mergulhada em uma crise política e humanitária sem precedentes, com impactos profundos para toda a região. Entre os dois países, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva tenta equilibrar pragmatismo e valores democráticos para consolidar sua posição como mediador e líder regional.

A Argentina é um dos principais destinos das exportações brasileiras, impulsionadas pelos setores automotivo e agrícola. Apesar disso, o país enfrenta desafios internos agravados pelas políticas econômicas defendidas por Milei. Inicialmente, as suas declarações críticas ao Mercosul e à China geraram apreensão. No entanto, Milei revisou suas posições ao participar da assinatura do acordo Mercosul-União Europeia e abrir diálogo com Pequim, demonstrando pragmatismo necessário para garantir a cooperação econômica.

A Venezuela, por outro lado, vive uma das maiores crises humanitárias do planeta. Com uma fronteira de 2,2 mil quilômetros com o Brasil, a relação bilateral é inevitável, mas desafiadora. A crise interna venezuelana, agravada por sanções internacionais e instabilidade política, representa um entrave para a plena integração regional e para o comércio no âmbito do Mercosul.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em 2023, o comércio exterior brasileiro registrou recordes históricos. As exportações alcançaram US\$ 339,67 bilhões, com um saldo comercial positivo de US\$ 98,8 bilhões — aumento de 60,6% em relação ao recorde anterior, de

Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados



Arlindo Chinaglia: "apoio crucial" do Brasil aos países vizinhos nos momentos mais críticos

2022. A Argentina destacou-se como um dos principais parceiros comerciais, com aumento de 8,9% nas compras do Brasil, totalizando US\$ 16,72 bilhões. Em contrapartida, as importações do país vizinho caíram 8,4%, refletindo as dificuldades econômicas enfrentadas pelo país.

Com a Venezuela, as trocas comerciais caíram drasticamente nos últimos anos. De um pico de US\$ 6 bilhões em 2012, o fluxo bilateral recuou para US\$ 1,5 bilhão em 2016, segundo dados fornecidos por Arlindo Chinaglia, presidente eleito do Parlasul, que inicia mandato em 2025. "O rompimento diplomático durante o governo Bolsonaro, aliado às crises econômicas e políticas, foi um fator determinante para essa queda acentuada", afirmou Chinaglia.

Mário Scangarelli, presidente da Câmara de Comércio, Indústria e Serviços do Brasil (Cisbra), apontou que, apesar da relevância histórica da Argentina, as dificuldades internas e a falta de segurança jurídica do país limitam as perspectivas de avanço econômico no curto prazo. "A Argentina já não tem o mesmo papel de protagonismo comercial que exercia no passado. A instabilidade econômica e política afeta diretamente o Mercosul e enfraquece a integração econômica

regional", afirmou.

Sobre a Venezuela, Scangarelli reforçou que o país não desempenha papel estratégico para o comércio exterior brasileiro. "A Venezuela não produz nada além de petróleo, e o que compra do Brasil são itens de baixo valor agregado. Isso não representa grandes percentuais na nossa pauta exportadora, embora seja importante manter relações humanitárias e diplomáticas com o país", destacou.

Papel do Brasil

Arlindo Chinaglia reforçou a importância de manter o diálogo com os países vizinhos para garantir a estabilidade regional e a cooperação econômica. "O Brasil desempenhou um papel crucial no apoio à Argentina em momentos críticos, como o envio de gás natural durante a crise energética. Esses gestos reafirmam o nosso compromisso com a integração", destacou.

Quando à Venezuela, Chinaglia ressaltou que, apesar das dificuldades, as exportações brasileiras de alimentos e produtos químicos continuam sendo fundamentais para o país vizinho. "O Brasil mantém relações com todos os países da Organização das Nações Unidas (ONU), e isso inclui a Venezuela. A nossa missão é fortalecer os laços regionais

em prol da estabilidade", frisou o deputado.

Parlasul

Criado em 2005, o Parlasul é o órgão de representação política do Mercosul, reunindo parlamentares de Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. Segundo Chinaglia, o Parlasul tem como função principal harmonizar legislações entre os países membros e acompanhar acordos internacionais. "Nossa prioridade será fortalecer setores estratégicos, como o agroalimentar, automotivo, recursos naturais e tecnologia de ponta, para aumentar a competitividade regional", explicou. Ele finalizou dizendo que a estabilidade do Mercosul não depende apenas de acordos comerciais, mas de ações concretas para integrar economias, harmonizar políticas e promover a cidadania.

O deputado argentino Gabriel Fuks, chefe da delegação do país no Parlasul, destacou a relevância do bloco na construção da integração regional. "A hidrovía do Paraná é vital para o comércio regional, mas também é uma rota para o tráfico de drogas. Precisamos de mais ações coordenadas entre os países", enfatizou, mencionando a necessidade de avançar em temas como segurança nas fronteiras.

Polarização política desafia papel do Brics

Carlos Vieira/CB/D.A. Press



José Augusto de Castro, da AEB: "Estamos em um continente isolado"

A crescente polarização política na América do Sul não apenas impacta as relações bilaterais, mas impõe desafios à integração regional e à atuação do Brasil em blocos como o Brics, dos países emergentes. Segundo o professor de direito internacional Lucas Carlos Lima, da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), manter a diplomacia e a cooperação é essencial para superar as divergências ideológicas e garantir o avanço de valores democráticos e de direitos humanos na região. "A polarização faz parte da nova realidade política e temos que estar preparados para ela", disse.

Lima destacou que a expansão do Brics, atualmente no seu segundo processo de ampliação, deve ser conduzida com cautela para não comprometer os objetivos do bloco. "É necessário verificar quais são os impactos desses novos membros à luz das circunstâncias internacionais antes de aumentar a expansão do bloco. Caso contrário, o Brics perde o seu sentido", alertou.

No âmbito regional, o Brasil desempenha um papel crucial na defesa da democracia e dos direitos humanos, mesmo em contextos de regimes autoritários. No entanto, ele enfatizou o equilíbrio que o Brasil mantém

ao seguir o princípio da não intervenção, uma tradição jurídica consolidada na América Latina.

Sem dependência

De acordo com José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), a Venezuela enfrenta desafios estruturais que limitam o seu papel como parceiro comercial. "A Venezuela tem problemas

econômicos, financeiros e diplomáticos que dificultam qualquer avanço comercial. O mercado já foi grande no passado, mas, hoje, não tem peso porque a Venezuela não tem dinheiro. Só se vende à Venezuela com pagamento antecipado, e isso limita muito o comércio", explicou.

Castro acrescenta que a crise também é agravada pela falta de infraestrutura e de profissionais qualificados. "A Venezuela já

foi um dos maiores produtores de petróleo do mundo, mas perdeu essa posição há muito tempo. Além disso, não tem recursos nem capacidade técnica para reerguer a sua indústria, o que impede que volte a ser competitiva no mercado internacional."

Sobre a Argentina, ele explicou que já foi um dos principais mercados para produtos manufaturados brasileiros, mas a situação mudou drasticamente devido às crises internas. "A Argentina rivalizava com os Estados Unidos como o principal parceiro comercial do Brasil. No entanto, os problemas econômicos e sociais a transformaram num país com mais desempregados e pessoas passando fome. Hoje, ela não tem o mesmo protagonismo de outrora", explicou.

Apesar das dificuldades, Castro reforçou a importância de manter uma boa relação comercial e diplomática com o país. "Eu não posso brigar com a Argentina, porque se eu abrir mão desse espaço, os chineses ocuparão. Isso seria prejudicial para o Brasil, especialmente no setor de manufaturados, que gera empregos e contribui para a economia nacional. Estamos num continente isolado. Se cada um resolver fazer tudo sozinho, ficará muito caro e inviável", afirmou. (VO)

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



A "sombra de futuro" de um Natal memorável

O filme *Joyeux Noël* (Feliz Natal), de 2005, dirigido por Christian Carion, é um auto de Natal no contexto histórico da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A coprodução reuniu cinco nações europeias (França, Alemanha, Reino Unido, Bélgica e Romênia) para uma ode à paz em quatro idiomas: francês, alemão, inglês e romeno. Diane Kruger (Anna Sorensen), Benno Fürmann (Tenente Nicolau Sprink), Guillaume Canet (Tenente Audebert), Daniel Brühl (Hostmayer) e Gary Lewis (Padre Palmer) brilham nos papéis principais.

Joyeux Noël é inteiramente dedicado à trégua de Natal de 1914, quando soldados franceses, britânicos e alemães, por iniciativa própria, interromperam os combates e confraternizaram espontaneamente no front. São histórias individuais e coletivas dos soldados que participam daquele momento histórico, com destaque para um cantor de ópera alemão (Nikolaus Sprink) que, ao lado de sua amada Anna Sorensen, canta para os soldados na linha de frente.

Indicado ao Oscar e ao Globo de Ouro de melhor filme estrangeiro, em 2006, apesar das ordens de combate, o filme mostra como os soldados revelaram compaixão e solidariedade a partir de um canto natalino que aproximou os dois lados inimigos. Apesar dos diferentes idiomas, havia identidade cultural entre os soldados. *Joyeux Noël* é uma reflexão sobre o poder da empatia e da paz.

Entretanto, empatia e paz fazem muita falta, 110 anos depois. Vivemos um interregno semelhante ao que antecedeu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O mundo desaprendeu e continua sendo palco de guerras sangrentas. A crise humanitária é significativa, com 76 milhões de deslocados, a maioria por causa desses conflitos. Segundo o Índice Global da Paz, houve um pico histórico, com 56 combates registrados em 2024, o maior número desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Em fevereiro de 2022, a Rússia iniciou uma invasão em larga escala na Ucrânia, resultando em combates intensos e significativas perdas humanas, até agora, estimadas em 190 mil. Na Palestina, o conflito de Gaza, iniciado após um ataque terrorista do Hamas ao território israelense, já provocou a morte de 45 mil pessoas, a maioria, mulheres e crianças, durante os bombardeios das Forças de Defesa de Israel (FDI).

No Iêmen, desde 2015, morreram 337 mil pessoas na guerra civil protagonizada por rebeldes houthis. Após o golpe militar de 2021, até hoje Mianmar enfrenta confrontos entre as forças armadas e grupos de resistência, além de tensões étnicas e religiosas. Na Etiópia, desde 2020, a região de Tigré é palco de confrontos entre o governo etíope e a Frente de Libertação do Povo Tigré, com 100 mil mortos. Em Burkina Faso, insurgências jihadistas, desde 2016, resultaram em deslocamentos e mortes.

Na Nigéria, o Boko Haram e conflitos entre pastores e agricultores causaram 368 mil mortes e deslocamento de milhões de nigerianos. Desde abril de 2023, o Sudão enfrenta confrontos entre forças militares rivais. Iniciada em 2011, a Síria vive um conflito complexo, que já matou 500 mil pessoas e, agora, com a fuga do ditador Bashar Hafez al-Assad para a Rússia, entrou numa nova etapa, também incerta.

Sombras do futuro

Por tudo isso, a confraternização de Natal de 1914 foi um evento extraordinário. Na véspera de Natal e no dia 25 de dezembro de 1914, os soldados cantaram canções natalinas em suas respectivas línguas, como o famoso *Stille nacht* (Noite feliz). Emergiram das trincheiras desarmados, trocaram presentes e se abraçaram. Confraternizaram a ponto de jogar futebol na chamada "terra de ninguém". O historiador britânico Tony Ashworth conta que o episódio deu origem a um pacto de não agressão do tipo "viva e deixe viver" ao longo de todo o front, que perdurou por dois anos.

Um estudo de estado-maior do Exército britânico sobre o fenômeno, denominado *Sombra de futuro*, demonstrou que os soldados dos dois lados ganhavam tempo para permanecerem vivos até a guerra acabar. No "esconde-esconde", o outro lado sabia onde o adversário estaria e/ou iria atirar. A cooperação mútua era uma estratégia "olho por olho" invertida, que alternava retaliação de baixa letalidade, indesejável para os generais, mas muito vantajosa para os soldados. Saíam até das trincheiras para urinar ou fumar.

Na segunda-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um pronunciamento de Natal na linha de um armistício político. "Todas e todos vocês que ajudam a construir esse grande país. O Natal é um bom momento para relembarmos os ensinamentos de Cristo: a compaixão, a fraternidade, o respeito e o amor ao próximo. Meu desejo é que esses ensinamentos estejam presentes não apenas no Natal, mas em todos os dias de nossas vidas". Sim, seria muito bom que a política voltasse à civilidade entre adversários, de parte a parte, com menos ódio e mais empatia.